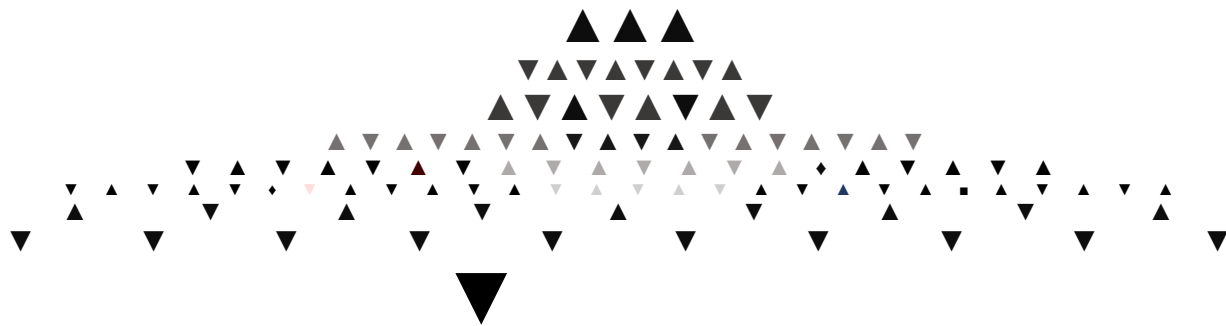




Estilhaços N° 1

Caixinha-de-Música Fuleira



Roda a balairina pernetá... A menina ouve fascinada a caixinha-de-música fuleira. É a coisa mais linda do mundo. A vida toda tentará saber o nome da melodia, logo esquecida.

– Nunca houve olhos como os teus... – suspira para o vidro de formol.

– Meritíssimo, eu... Eu não sabia que ela estava grávida!

– Meine Damen und Herren, ein Prosit dem baldigen siegreichen Kriegsende und unserem Führer!

Toda vez que vinha da rua um grito de “gol”, o ó saía mais troncho no caderno de caligrafia.

“Até que enfim algo *realmente* novo!” pensou sem reparar na mãe confusa porque ele ria tão estranho para o ultrassom.

Após cinco anos de namoro e três de casamento, o sexo ficou chocho. Vez ou outra, um fetiche. Ela gosta de lugares públicos. Ele, mais incomum, gosta de cubos de gelo na vagina. Ela é advogada. Ele é legista.

O menino viu a moeda romana de prata rolar até o bueiro.

– Na moral, mermão, esse mundo tá cheio de impostor! – exclama o Homem-Aranha para a Minnie.

Pá, tip, tiptiptá!

“It could have been much worse. We could have lost India.” acalmava o editorial do *Times*.

O carro-forte atropelou o mendigo.

D^a Matilde jura que desmaia quando vê sangue. Vai entrar no quarto da filha. Será que desmaia mesmo?

A ambulância atropelou o enfermo.

O percussionista distraído deu uma pratada na pausa geral da orquestra. Era estréia e o público gostou.

O rabecão atropelou o cortejo.

– Tu é um frouxo! – gritou pouco antes de pisar numa mina.

A carrocinha atropelou o cachorro.

– Vovó, vovó! Cadê papai e mamãe?

E ninguém se salvou.

– Tu é um frouxo! – gritou do topo do trem pouco antes de encostar num cabo de alta tensão.

Pá, tip, tiptiptá!

Na serra, a curva era boa, a estrada boa, o tempo bom, os freios bons.
O caminhão-tanque é que estava na contramão.

O sorveteiro atropelou a criança.

“Und nun was machen wir mit solchem Macht? Er weiß!” perguntava
respondendo o cartaz em letras góticas no meio da capital.

O trio-elétrico atropelou o folião.

– Meritíssimo, eu... Eu não sabia que a furadeira...

O camburão atropelou o polícia.

Ela disse não. Ele nunca esqueceu. Ela sim – rapidinho.

O cadeirante atropelou o clunâmbulo.

Pôr-do-sol pela janela, a criança entendeu que seria triste para sempre.

E ninguém se salvou.

Neste exato, neste preciso momento, há lindas nuvens dum azul-
metano-metálico-prússia-celeste dentro da Grande Mancha Escura em
Netuno. Só queria que você soubesse – por mais que pense que eu seja louco.

Pá, tip, tiptiptá!

“Seit dem Kriegsende ist die Welt wieder ein schöner, feiner, fröhlicher
und sauber Platz für die Menschenheit!” narrava entusiasmado o locutor do
filme bonito.

Pá, tip, tiptiptá!

– Tu é um frouxo! – gritou pouco antes de entrar no mar.

Une, dune, tê.

O bebê quer, porque quer entrar no forno.

Pá, tip, tiptiptá!

Susto duplo na calçada.

– Caramba, cara! Quanto tempo! Tu... tá bem?...

O outro: sorriso tímido que, ainda assim, deixava entrever muito poucos dentes.

O sorvete colorê.

O cracudo quer, porque quer atravessar a via expressa.

Pá, tip, tiptiptá!

Todos gargalharam quando trouxeram o bolo de aniversário do doutor dentista: uma boca aberta cheia de dentes careados, um para cada ano (63). Um senhor gordo riu tanto que o olho de vidro caiu sobre o glacê.

Pá, tip, tiptiptatátá!

O sem-teto quer, porque quer beber a garrafa cheirosa que encontrou no hospital abandonado.

O escolhido foi

– Você quer uma carona?

No platô antártico, ele, só, está confortável e feliz até, bem quentinho na própria febre.

O rapaz na cachoeira quer, porque quer provar que consegue dar um mortal lá da pedra alta.

– Meritíssimo, era... Era só uma brincadeira...

Susto duplo na calçada à distância:

– ▲?

– ▼...

“Oh, rapaz... Isso vai passar” – lembra o octogenário o que lhe disseram em 1959.

“Mox paludivaga barbaritas omnia submissura” escreveu o general na cifra, interceptada e decodificada.

A garota quer, porque quer entrar no carro do estranho bonito.

– Quem mexeu nas minhas moedas? – berra o pai enquanto, baixinho, bem longe, no banheiro a mãe chora.

Roda a balairina perneta... O primo rico reconhece a melodia. Diz nada.

Em meio a bandeiras vermelhas, pretas, roxas, palestinas e arco-irisadas, a universitária militante discursa inflamada sobre vida, liberdade, sonhos. Ela odeia gente blasê, gente sem afeto. Jamais saberá que o seu verdadeiro lugar é numa mesa de diretores com vista para o Lago Lemano.

– Papai e mamãe estão descendo a serra, talvez já na via expressa.

Ela teve de dizer não *diversas* vezes.

▲▲▲ ▲▲▲ ▼ ▲▲▲ | ▲▲▲▲▲▲▲▲▲ ▼ |
▲▲▲▲▲▲▲▲▲

E aquele êxtase duns poucos dias juvenis só voltará a viver, anciã, morrendo.

– Tu é um frouxo! – gritou pouco antes de entrar na briga.

A criança observa o bebê entrando no forno.

No ano 17.371, alienígenas encontram a *Voyager 2*. Após alguns meses, decodificam o disco que a espaçonave trazia. A humanidade está extinta desde 2299.

– Meritíssimo, ela... Ele me xingou de brocha...

A criança fita a flor sem saber seu nome sabendo, porém, todo o resto.

Beethoven peidou e assim surgiu o mi bemolção da *Heróica*.

Ela disse não de novo.

Após horas no quarto escuro, a jovem conclui que não faz sentido esperar.

– É assim mesmo...

O garoto que todos zoavam porque queria ser bailarino acabaria virando bandido não fosse baleado indo para a escola.

– Não!

– Você é um peão brocha! – gritou a patroa avançando com a maquieta ligada.

E, horizonte cada vez mais perto, milhares de cavaleiros que não têm a cara dos nossos maridos.

– A caixinha-de-música era assim, ó...

Ninguém presta atenção.

O primo rico está há décadas no Lago Lemano.

E enfim se beijaram. E essa foi a melhor coisa que aconteceu na história do Universo.

